

PREVIDÊNCIA DO MAGISTÉRIO

re das salas de aula

Para cada professor novo que entrou na rede estadual nos últimos 9 anos, 26 se aposentaram

RENOLCE BOTTAI
renolce@globo.com.br

Em nove anos, o número de professores do estado cresceu 11,1%, passando de 66.997, em 2007, para 73.776. Um acréscimo de 7.779 novos profissionais. No mesmo período, 26.120 professores do estado se aposentaram, aumentando de 47.072 para 67.192 (40,99% a mais) o quadro de inativos da educação. Isso é a equação usada hoje pelo governo para defender a reforma da previdência, a inclusão, entre suas propostas, da revisão das aposentadorias especiais dos professores.

De acordo com o presidente do Riperivência, Rogério Moisés dos Santos, essa projeção de um novo professor na ativa para cada 26 novos aposentados em nove anos é provocada por duas regras fundamentais. As professoras têm o direito de se aposentar a partir de 25 anos de serviço (e idade mínima de 50) e os professores, com 30 (e idade mínima de 55).

Cerca de 40% de todos os aposentados trabalharam 25 anos. Cada vez mais, são menos servidores ativos para financiar a aposentadoria de mais inativos. Não há como manter isso. É necessário aumentar o tempo de contribuição — defende o presidente do Riperivência.

Entre as propostas que o governo federal vem discutindo com os 27 governadores estaduais, está a revisão das aposentadorias especiais e o aumento, em todos os casos, do tempo de contribuição para 35 anos e de idade para até 65, sejam os beneficiados homens ou mulheres.

Mas outros dados de Riperivência explicam por que, apesar de terem uma aposentadoria especial, os professores não se consideram privilegiados. Têm uma remuneração de 43,33% dos 134.580 reais da Fator Executiva, osse profissionais já fora das salas de aula recebem por mês R\$ 221 milhões, o que representa apenas 24% dos R\$ 920 milhões gastos mensalmente com o estado com suas aposentadorias.

Os aposentados dos correios e inativos, que estão no topo das aposentadorias pagas pelo governo estadual, com salário médio de R\$ 28.500, os professores fiscoeiros têm uma das menores médias salariais entre todos os servidores aposentados: R\$ 8.700. O valor representa cerca de 60% da média geral dos funcionários públicos, que é de R\$ 4.700. Segundo a coordenação do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sipe-SP), Marta Paes, os baixos salários estão entre os principais fatores para o estresse da categoria, que é também recorrente de licenças psiquiátricas no estado.

— Nessa posição é absolutamente contrária à reforma da previdência. Esse discurso de que os professores têm privilégios ao se aposentarem aos 25 anos só é defendido por quem não sabe a realidade de uma sala de aula hoje. O professor com dez anos de trabalho já tem problemas graves de saúde. Hoje nós trabalhamos em condições muito difíceis. Muitas escolas ficam em áreas de risco, professores não sabem se retornam para suas casas no final do dia. Alunos chegam cada vez mais violentos à escola, porque têm problemas graves nas suas casas. Estão somando o que tornam o papel de mediação na sociedade, enfrentando um cotidiano que é absolutamente estressante. E, como o professor ganha mal, para manter a família precisa trabalhar em dois, três turnos, o que só aumenta o estresse. Não há como mexer na aposentadoria dos professores. Além da saúde dele, não vai compensar a formação dos alunos — afirma Marta Paes.

30 ANOS DE TRABALHO E DUAS MATRÍCULAS

Especialista em previdência, o professor Katia Beltrão, da Fundação Getúlio Vargas, acredita que não há como manter a regra dos 25 anos para professores e 30 para os professores. No entanto, acha que o aumento do tempo de serviço tem de ser acompanhado de cursos de reciclagem.

— No caso dos militares, eles devem ter um regime diferenciado, não só pelo risco, mas pelas condições físicas. Por isso, se aposentam mais cedo. Mas, no caso dos professores, não há como manter o tempo de 25 anos para aposentadoria, só porque eles são a maior parte do funcionalismo. Mas, em razão dos problemas que enfrentam, deveriam passar por reciclagem. E se não há uma política de reciclagem contínua que evite o burnout (síndrome do esgotamento profissional). Hoje eles trabalham até um ponto médio, depois sua produtividade cai, porque não conseguem mais ficar em sala de aula. Uma reciclagem no trabalho poderia ajudar a reverter.

Depois de um período de aflição, a professora aposentada Maria da Conceição Lima comemora o Dia do Professor com disquete no bolso. O estado depositou no dia 14 os recursos necessários para o pagamento do abono. Com o benefício na mão, ela garantiu o pagamento do abono e o plano de saúde. O resto, como Maria da Conceição diz, “dá para levar”. Ela trabalha por 30 anos, do início da manhã ao fim da noite, acumulando duas matrículas, para garantir uma aposentadoria melhor. Apesar do ritmo que enfrenta, a professora acredita que o tempo mínimo de serviço

NA PONTA DO LÁPIS

A MAIORIA DOS PROFESSORES SE APOSENTA AOS 50 ANOS, APÓS 25 DE TRABALHO

PROFESSORES ESTADUAIS NA ATIVA

PROFESSORES ESTADUAIS APOSENTADOS

VARIAÇÃO DO NÚMERO DE PROFESSORES NA ATIVA E INATIVOS ENTRE 2007 E 2013



NÚMERO TOTAL DE PROFESSORES



Os professores aposentados representam 43,3% de todos os inativos do estado. O gasto com esse grupo chega a R\$ 221 milhões, 25% de toda a falta de inativos



Cerca de 60% da média geral dos servidores públicos

Editoria de Arte



Dura jornada. A professora aposentada Maria da Conceição, que chegou à 73 à escola e trabalha até as 22h

“Não há como manter 25 anos para a aposentadoria. Mas os professores deveriam passar por reciclagens”

Katia Beltrão
Especialista em previdência na Fundação Getúlio Vargas

poderia ser maior que os atuais 25 anos. No entanto, também defendeu uma reciclagem.

— Hoje os alunos têm celular com Internet e traem suas questões para a escola. Os professores não podem ficar no passado. Também têm que se reciclar, buscar programas atuais. Tem muito evento gratuito. Eu, mesma aposentada, estou sempre estudando — contou.

Marta da Conceição costumava sair de casa, em Niterói, às 5h para chegar à escola em Pádua, onde mora, às 7h. Trabalhava até às 22h. Ela disse que teve sorte:

— As vezes, eu dormia na casa de cunhados, porque não tinha como voltar para Niterói. Graças a Deus, nunca esqueceu, mas tive um colega que morreu lá. Como foi apressado em sair da sala de aula, vi muitos corações. Mas, tirando um câncer, consegui sair ilusa. Continuei muito

Palavra de especialista

A VISÃO DE Jefferson Pinheiro da Silva, chefe do Serviço de Ações Educativas do Ministério do Trabalho, em São Paulo

A SAÚDE DO PROFISSIONAL É UM DESAFIO PARA A SOCIEDADE

O professor tem uma missão estratégica e reconhecida como muito importante. Entretanto, enfrenta uma condição de trabalho e modo de trabalho que não são condizantes com o papel central que a sociedade lhe atribui. Por isso, os professores estão entre os profissionais com maior número de licenças por doenças psiquiátricas. Eles cuidam da educação de crianças e jovens e, por isso, estão em contato direto com todos os conflitos da sociedade. Porque, além disso, no setor público, crianças e adolescentes levam para a escola os problemas de violência e miséria de suas comunidades, além dos conflitos familiares. E, como trabalham longas jornadas para cumprir o orçamento, os professores estão mais sujeitos ao estresse.

Imagine um químico. Quanto mais tempo de exposição ele tiver a uma substância nociva, maior risco terá de adoecer. O mesmo acontece com os professores. Por causa dos baixos salários, eles trabalham em jornadas duplas ou triplas, ficam expostos a essas situações de conflito por muito mais tempo do que poderiam suportar. Por isso, sofrem de problemas como depressão, pânico ou síndrome de burnout (exaustão). Além dos problemas psiquiátricos, as longas jornadas em pé e com os braços estendidos para escrever em quadros fazem problemas musculoesqueléticos. O glic, a falta de climatização e até de iluminação para trabalhar causam enfermidades pulmonares, alergias e problemas de visão, entre outras sequelas.

Em São Paulo, por exemplo, houve cerca de 1,30 mil afastamentos médicos concedidos a professores da rede pública de ensino em 2011. Hoje é grande o quadro de profissionais adaptados, ou seja, em outras funções, fora da sala de aula. E isso também provoca frustração, porque eles deixam de cumprir sua principal missão, que é educar.

Tudo isso é uma importância estratégica para o país do professor tornar urgente debater suas condições de segurança e saúde. Medidas de prevenção e proteção desses profissionais precisam ser viabilizadas, estimuladas e colocadas em prática.

ativa e acho que poderia até mesmo ter trabalhado mais alguns anos.

Em profissão de história Noelii Antunes, de 66 anos, contou que herdou uma arrose do seu tempo em sala de aula.

— Meu principal problema é a coluna. Muitas dores em pé. Eu sou contra tirarem a aposentadoria especial dos professores, até porque eles não conseguem ainda pensar que a previdência é tão deficitária. No mundo inteiro, a profissão do professor é reconhecida como uma atividade que exige muita das pessoas. No entanto, aqui temos os piores salários, trabalhamos nas piores condições. E agora ainda querem cobrar a nossa aposentadoria especial? Eu trabalhei 30 anos na Rede Estadual Fluminense em escolas em péssimas condições, inclusive de iluminação. Salas ruins, quadros ruins, com giz da pior qualidade... Isso sem contar os conflitos sociais de crianças que não têm pais, filhos de famílias de mães assassinadas. A gente absorve tudo isso. Por isso, com 12, 15 anos de magistério, os professores já apresentam sequelas.

PROBLEMAS NA GARGANTA COMO SEQUELA

Tribuna professor, Saul Amante, irmão de Noelii, disse que ficou com problemas na garganta.

— Eu tive sorte. A sequela que tive foi essa, que me obrigou a me adaptar. Nunca tive problemas psiquiátricos. Mas a gente sabe que é diferente a vida do professor. Agora, como aposentado, o problema é conviver com o atraso no pagamento do benefício.

Para Darcy Francisco Carvalho dos Santos, economista e especialista em finanças públicas, a previdência é hoje um dos grandes problemas do mundo e não há como não enfrentá-lo.

— São três os grandes males do mundo: a população, a escassez de água e a previdência. A expectativa de vida de um brasileiro hoje ao nascer é de 76 anos, para mulheres ainda mais. Então não tem jeito. É condição que não se aumenta o tempo de vida mínima para a aposentadoria. E, no caso dos professores, eles estão entre as maiores categorias do serviço público, o que inviabiliza a manutenção do regime que existe hoje. Acho que também precisa ser repensada a validação desse profissional, para que ele não tenha de trabalhar tantas horas.